

O que precisa ter um caderno de cultura?

What does it take for a Culture newspaper section?

Thaís BUENO¹
Janaína Lopes AMORIN²

Resumo

Este artigo tem como proposta ampliar as discussões sobre a configuração atual do Jornalismo de Cultura nos jornais impressos de interior a partir da análise das publicações deste tema no Jornal O Progresso, o impresso mais antigo da cidade de Imperatriz – a segunda maior do Maranhão. A pesquisa tem como base o levantamento bibliográfico sobre o tema, bem como um estudo quantitativo sobre o que esse jornal publica sobre o assunto e que tratamento dá a estes conteúdos.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural. O Progresso. Jornalismo de Interior.

Abstract

This article aims to broaden the discussion about the current configuration of Cultural Journalism in regional newspapers from the countryside through an analysis of publications about this theme in the newspaper *O Progresso*, the oldest printed paper in Imperatriz - the second biggest city in Maranhão. The research is based on a literature review on the issue, as well as on a quantitative study of what the newspaper publishes about the subject and which treatment it gives to these contents.

Keywords: Cultural Journalism. *O Progresso*. Regional Journalism.

Introdução

As matérias culturais estão entre as mais adoradas nos cursos de Jornalismo. Falar sobre as manifestações artísticas, eventos relacionados tanto a belas artes como

¹ Doutora em Comunicação pela PUC-RS. Professora do Curso de Jornalismo na UFMA de Imperatriz. Membro dos Grupos de pesquisa em Comunicação e Ciberultura (GCiber) e Ciberjor (UFMS). E-mail: thaisabu@gmail.com

² Graduada em Jornalismo pela UFMA de Imperatriz. E-mail: jannaina.amorim@gmail.com

entretenimento instiga e anima estudantes em diferentes estágios da graduação. No entanto, nem sempre é fácil delimitar essa editoria com precisão, haja vista a polissemia que marca o próprio conceito de cultura. Assim, a proposta deste artigo é, a partir das discussões propostas por autores do Jornalismo Cultural, ampliar o debate sobre como se configura esse campo de apuração jornalístico e, em análise ao Jornal O Progresso, o impresso mais antigo da cidade de Imperatriz, trazer a discussão para a realidade do interior do Brasil. A pesquisa tem como base um levantamento bibliográfico sobre o tema, bem como um estudo quantitativo a respeito do que esse jornal publica sobre o assunto e que tratamento dá a estes conteúdos.

Com 250 mil habitantes – segundo o Censo de 2010 -, localizada no interior do Maranhão, Imperatriz é a segunda maior cidade deste estado, atrás apenas da capital, São Luís, localizada a aproximadamente 600 quilômetros de distância. Pólo econômico do entorno, a cidade atende a população do Tocantins, Pará e Maranhão. O município tem um jornal impresso de veiculação diária: O Progresso e ele não mantém uma página fixa ou um caderno periódico voltado para as coberturas culturais e artísticas locais. Assim, neste estudo, busca-se contrapor a opinião dos teóricos do jornalismo e a análise do que o jornal mais antigo da cidade publica sobre assunto e que se encaixariam na editoria de Cultura. A partir disso pretende-se demonstrar a importância de um caderno cultural no jornal impresso e como isso é tratado em cidades interioranas.

Entendendo o jornalismo cultural

Definir cultura não é uma tarefa fácil. O termo pode ser entendido por diferentes ângulos e já foi esmiuçado nas mais diversas áreas do conhecimento. Do senso comum à filosofia é possível encontrar uma definição, ou melhor, uma nova significação do termo. Partindo de conceitos tão inexatos, seria ingênuo pensar na definição de um caderno cultural e também seus valores-notícia como uma tarefa fácil. De acordo com Piza (2004), temos dificuldade de definir o jornalismo cultural porque a acepção de cultura, pelo menos no âmbito do Jornalismo, por muito tempo foi vista como algo intangível, de difícil acesso e que requereria muito conhecimento.

Os jornais têm buscado dar conta da crescente complexificação da sociedade atual através da criação de editorias especializadas e cadernos segmentados. A tendência, denominada “segmentação” ou “cadernização”, faz com que ganhem em visibilidade conteúdos que há muito tempo frequentam as páginas da imprensa. Enquanto é bastante simples a delimitação do conteúdo a ser abordado por alguns destes cadernos, como o esportivo ou o agrícola, o mesmo não se dá com o cultural. Embora exista uma multiplicidade de conceitos de cultura, objeto constante de estudo da Antropologia, Sociologia, Semiótica, Filosofia e outros ramos do conhecimento humano, o jornalismo recorre à visão humanista. Não bastasse esta ser já de natureza restritiva, por muito tempo o jornalismo cultural se fixou apenas na chamada “cultura erudita”. Esta postura, embora não seja mais a regra, encontra ecos na população, a julgar por uma pesquisa da Secretaria Municipal da Cultura de Belo Horizonte realizada em 1996, em que mais de dois terços dos entrevistados respondeu que um filme de Steven Spielberg não é cultura (PIZA, 2004, p. 45).

Apesar da dificuldade de determinar o conteúdo de um caderno de cultura, o que se percebe, ao estudar a história da imprensa no Brasil, é que esta editoria ocupa um papel importante. Na atualidade os principais jornais impressos nacionais dedicam espaços fundamentais para esta cobertura, como a Folha de São Paulo, com a Ilustrada; o Estado de São Paulo, com o Caderno 2; e o Jornal do Brasil, com o Caderno B. Esses veículos têm dedicado espaços a reportagens aprofundadas, críticas da produção cultural, além de servirem de guias para atividades culturais de suas cidades.

Inclusive, conforme pontua Gomes (2011, [online]), o tema “cultura”, de uma maneira ou de outra, sempre teve apreço nos veículos impressos nacionais.

Embora os primeiros cadernos culturais só apareçam no século XX, podemos dizer que o destaque aos assuntos culturais na imprensa brasileira vem desde seu nascimento. Basta vermos os títulos completos do nosso primeiro jornal, Correio Brasiliense ou Armazém Literário, e da primeira revista, As Variedades ou Ensaios de Literatura. Ambas as publicações pareciam livros - tanto o jornal, editado em Londres por Hipólito José da Costa entre 1808 e 1822 e distribuído clandestinamente no Brasil, quanto a revista, de que saíram dois números em Salvador em 1812, numa iniciativa do livreiro Manoel Antônio da Silva Serva. Entre as seções do Correio, figuravam “Comércio e Artes” e “Literatura e Ciências”. (GOMES, 2011, [online]).

Piza (2004) concorda com a reflexão de Gomes³, mas pontua que a modernização das cidades fez surgir efetivamente o gênero Jornalismo Cultural na nossa imprensa. Ele lembra que de berço europeu⁴, no século XIX, o Jornalismo Cultural começou a atravessar fronteiras e a influenciar outros países, como os Estados Unidos da América e o Brasil. Na sua avaliação, nos EUA, um dos ícones foi Edgar Allan Poe, conhecido como crítico e ensaísta, chegando a ser atribuído a ele o mérito da modernização intelectual da América. Já no Brasil o jornalismo cultural ganhou força somente no final do século, com o escritor Machado de Assis.

Em seu resgate histórico, o autor destaca que a revista *O Cruzeiro*, por exemplo, de 1928, lançou o conceito de reportagem investigativa se tornando, a partir de então, a mais importante do país. Na mesma década, estendendo-se até os anos 1960, a crítica cultural vive seu grande momento, com destaque para nomes como Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux. Lins estabeleceu um novo padrão, ao fazer a crítica dos livros na primeira pessoa do singular.

Outro ponto que marcou as publicações culturais no país, conforme Piza (2004), foi a predileção nacional pela crônica. Ele afirma ainda que em 1956, o *JB* inicia o processo de modernização dando mais espaço para este gênero textual, bem como as reportagens e fotografias. O *Pasquim*, de 1969, também marcou a história do jornalismo cultural brasileiro. O periódico, em uma publicação alternativa, utilizou uma linguagem mais coloquial.

Em suma, a multiplicação das revistas culturais, em um contexto mais generalizado, teve seu início nos anos de 1920, já as seções culturais se tornaram obrigatórias na grande imprensa a partir dos anos 1950. Na década de 1990, começa uma nova fase voltada para repensar o conteúdo.

Especialmente a partir dos anos 90, alguns assuntos que pertencem obviamente ao universo cultural, embora não sejam exatamente linguagens artísticas e intelectuais, ganham mais espaço nos cadernos culturais. Moda e gastronomia, destacadamente, aumentam seu público e, pois, sua relevância simbólica. (...) Tudo isso é, de certo modo, um ganho para o jornalismo cultural, pois abre suas fronteiras. Seu papel, como

³ Gomes (2005) acredita que a revista alemã *Discussões Mensais Edificantes*, em 1663, já veiculava poemas. Porém, a revista mais “antiga a praticar o que hoje entendemos por jornalismo cultural foi a revista francesa *Journal des Savants* (1665)” (GOMES, 2005, p. 11). Ela era composta por resumos de livros, bibliografia e artigos sobre ciência, literatura e filosofia.

já foi dito, nunca foi apenas de anunciar obras lançadas nas sete artes, mas também de refletir (sobre) o comportamento, os novos hábitos sociais, os contatos com a realidade, político-econômica da qual a cultura é parte ao mesmo tempo integrante e autônoma. (PIZA, 2004, p. 57).

Atualmente, os cadernos de cultura estão bem mais amplos, mas ainda enfrentam dificuldades. Na avaliação de Gadini (2007), o principal entrave desta editoria é a tendência de reduzir a cultura ao lazer e ao entretenimento, onde a dimensão de determinadas manifestações culturais acabam ficando em segundo plano.

A cobertura feita pela grande mídia brasileira dos eventos culturais e folclóricos carece de maior profundidade e análise. A diversidade cultural de um país como o Brasil, que agrega em seu território a cultura de tanto povos e suas diversas culturas, é incompatível com o que habitualmente é exposto nas emissoras de rádio e televisão, nas editorias de cultura dos jornais impressos e nos sites informativos da internet. O jornalismo cultural, especialização profissional caracterizada por reportar eventos e fatos relacionados à cultura global, nacional e local e suas manifestações, está cada vez mais resumido ao entretenimento e as notícias sobre celebridades. Falta densidade e reflexão sobre os movimentos culturais e seus principais atores, tal como é proposto na definição do próprio jornalismo cultural. (MORAES, 2008, [online]).

Outro exemplo dessa insatisfação e dificuldade pela qual passam os cadernos atuais é confirmada pelo estudo de Faro (2011, [online]), que mostra um levantamento feito pelo jornalista Breno Castro Alves, publicado no site Comunique-se em 20 de abril de 2006 (www.comunique-se.com.br). A matéria recebeu o título de “Os desafios do jornalista que cobre Cultura” e mostrou as dificuldades dos repórteres desses cadernos em cumprir tarefas como “de cobrir, analisar e relatar os principais expoentes da produção cultural do gênero humano, em áreas tão diversas quanto dança, artes plásticas, teatro, música ou cinema e em regiões que vão desde o sertão nordestino até as estepes russas” (FARO, 2011, [online]).

Essa complexidade teria sido mais agravada com a Internet e as pressões de tempo. A matéria, como pontua o estudo de Faro (2007), teve grande repercussão, com 60 comentários em cinco dias.

Foram mais de 60 opiniões registradas sobre o levantamento de Breno Alves, todas também marcadas, em sua maioria, por uma recorrente dose de descrença no

papel do jornalismo cultural. Invariavelmente os internautas que participaram da discussão classificaram o gênero como espaço de mercado, de vaidades, de despreparo dos editores, de oportunismo etc. corroborando a idéia, também presente no âmbito universitário, segundo a qual as pautas da produção do jornalismo cultural só encontram lógica nos fundamentos do que ele aparenta ser: um prestador de serviços de pouca qualidade que oculta uma operação de natureza basicamente econômica (FARO, 2011, [online]).

O que O Progresso publica?

O jornal O Progresso começou a circular em Imperatriz na década de 1970. Sem cobertura específica para atividades culturais por quase 20 anos, em 1990 abriu espaço para um encarte, o Caderno Extra, veiculado aos domingos e produzido pela Academia Imperatrizense de Letras. No suplemento são divulgadas poesias, crônicas e artigos. O material não tem cunho jornalístico, mas é a única publicação que mais se aproxima com um caderno de cultura, embora não chegue a ser um veículo específico nessa editoria, pois não traz matérias do setor, reportagens, críticas ou resenhas da produção local. Nem mesmo uma agenda completa é veiculada neste encarte, sendo, portanto, mais um panfleto de divulgação da produção da Academia do que um veículo de referência na área cultural da cidade.

Para entender o que o jornal publica foram analisadas as matérias veiculadas durante todo o mês de agosto de 2011. A ideia era conhecer um pouco das prioridades do jornal nas escolhas temáticas, ou seja, seus critérios de noticiabilidade, para poder pensar em uma página que dialogasse com essas opções. Foram contabilizadas todas as publicações, depois contadas somente as que abordavam a cultura local. As matérias foram mensuradas também de acordo com o gênero e tipologia textual, tendo como base a classificação de Melo (2010).

Em um contexto generalizado, analisando os dados, percebe-se que o espaço ocupado pela cultura no jornal O Progresso ainda é muito restrito. De 1.006 publicações veiculadas no período de 30 dias, apenas 95 foram voltadas à cultura local. Isso acontece, particularmente, porque o assunto precisa dividir o espaço com outros temas cuja prioridade está demarcada na temática da sua editoria.

Segundo Piza (2004), Jornalismo Cultural, de uma maneira geral, tem se igualado às outras editorias, seguindo, por exemplo, a lógica do *hard news*. O resultado é a ausência das críticas e de textos mais interpretativos, características também percebidas nas veiculações das matérias publicadas no O Progresso.

Tudo isso se deve também as medidas que foram tomadas na última década para igualar o jornalismo cultural aos outros, como o político e o econômico, como se ele vivesse da mesma dosagem de “hard news”. Decidiu-se, por exemplo, que os títulos deveriam ter verbos, sempre que possível; que a crítica seria sempre um item à parte, raramente apta para abrir seções ou mesmo uma página interna; que a diagramação também não seria muito diferenciada; que os parágrafos deveriam ser curtos. Poucas vezes os cadernos culturais têm ganhado chamadas na primeira página. E, como vivem de quociente maior de colaboradores fora da redação, têm sofrido também com o corte de verba (PIZA, 2004, p. 65).

As matérias de cultura veiculadas no periódico se adéquam à lógica das outras, por não possuir um espaço específico, raramente possuem cunho opinativo ou interpretativo. Outra característica levantada é que as veiculações de cultura raramente possuem fotos. Parte das publicações que tem como foco a informação são enviadas por assessoria ou colunistas e, em geral, são anúncios de eventos. Piza (2004) cita esta característica como aspectos negativos para o jornalismo cultural.

O primeiro é o excessivo atrelamento a agenda. (...) O segundo mal é o tamanho e quantidade de textos, especialmente desses que anunciam um lançamento, que pouco se diferenciam dos press-releases, salvo pelo acréscimo de uma declaração ou outra ou de alguns adjetivos, que cada vez vêm diminuindo com o passar do tempo. (...) O terceiro é marginalização da crítica. (PIZA, 2004, p. 63).

Mais da metade das Notas e Notícias são em formato de agenda, ou seja, não há uma produção contextualizada dos temas culturais, apenas divulgação de eventos que irão acontecer. Matérias relacionadas a algum tipo de evento representam 56 das matérias veiculadas. Os dados apontaram que das 95 das publicações, 18 foram veiculadas no Extra, que é o mais parecido com um caderno de cultura. No entanto, a maior parte dos textos do encarte foge dos gêneros jornalísticos, sendo composto por poesias e perfis de caráter de colunismo, de pessoas ligadas à Academia, estudantes ou jornalistas.

É pertinente considerar que a ausência de um Caderno de Cultura no jornal O Progresso faz com que o tema seja pouco explorado e também que as matérias não ganhem destaque. Boa parte do material publicado está associado a eventos. Piza (2004) acredita que o papel do jornalismo cultural vai além de lançamentos de obras ou eventos, deve refletir sobre o comportamento, hábitos sociais, contatos com a realidade político-econômica da qual a cultura é parte. O autor dá exemplos de temas voltados à cultura que podem ser abordados por jornalistas.

O jornalista pode revelar uma ação-entre-amigos numa premiação ou o valor de um novo contrato de algum famoso. Pode denunciar uma falcatrua na política cultural, ou adiantar o nome do novo secretário ou ministro do setor, ou demonstrar como os recursos públicos não estão chegando aos produtores culturais. Ou pode mapear os problemas dos museus da cidade, as dificuldades técnicas e financeiras de produzir um disco no Brasil (PIZA, 2004, p. 80).

Traquina (2005) enfatiza a criação de espaços específicos como fator fundamental para estimular a produção de matérias sobre determinados temas.

A criação de espaços regulares, como suplementos e rubricas/seções têm conseqüência direta sobre o produto jornalístico de uma empresa porque a existência de espaços específicos sobre certos assuntos ou tema estimula mais notícias sobre esses assuntos ou temas, porque tais espaços precisam ser preenchidos (TRAQUINA, 2005, p. 93).

Outro ponto lembrado pelo autor é que o jornalismo cultural deveria voltar a sua origem e não se deixar influenciar pela lógica do consumo imediato e da superficialidade.

Quanto à realidade do jornalismo cultural, hoje, convém alertar para alguns perigos. Primeiramente, como a arte, na maioria das vezes, é encarada como mercadoria, os jornais simplesmente divulgam a informação, dando maior atenção a circuitos mais restritos, deixando, com isso, de ampliar a visão cultural do público brasileiro para outras formas de cultura. Em segundo lugar, o jornalista corre o risco de ser cooptado pelo marketing da indústria cultural, vale dizer, das grandes editoras, gravadoras e TVs. Por isso, precisa ficar atento à pressão a que é submetido, que envolve um sem-número de CDs, livros e *releases*. Por último, o perigo de ceder a um certo “populismo cultural”, no sentido de reproduzir o discurso já pronto que insiste em afirmar, genericamente, abrindo pouquíssimas exceções, que a produção cultural

brasileira é melhor que “os lixos produzidos lá fora”. Assim, devemos, quanto a esse aspecto, eliminar o pensamento reducionista de que tudo o que é nacional é melhor que o norte-americano. (BARRETO, 2006, p.72)

De acordo com Piza (2004), há uma tendência no Brasil de tentar igualar o jornalismo cultura aos outros, o que para ele é um erro. Por conta disso, diz ele, as características interpretativas e opinativas acabam não sendo reconhecidas. Segundo Piza (2004) é preciso focar em grandes reportagens, perfis e gêneros mais densos para não ficar tão preso às agendas.

O primeiro é o excessivo atrelamento a agenda. (...) O segundo mal é o tamanho e quantidade de textos, especialmente desses que anunciam um lançamento, que pouco se diferenciam dos press-releases, salvo pelo acréscimo de uma declaração ou outra ou de alguns adjetivos, que cada vez vêm diminuindo com o passar do tempo. (...) O terceiro é marginalização da crítica. (PIZA, 2004, p. 63)

Faro (2006) ressalta que uma das características básicas do jornalismo cultural é “abrigar avaliação e análise de produção simbólica capaz de garantir aos periódicos a legitimidade interpretativa” (2008, p. 71). Ele acrescenta que no cotidiano, o jornalismo cultural deve passar pelo registro folclórico, resumo de novelas e atingir a natureza da arte. Deve conter perfis de celebridades e ensaios, deve promover a reflexão pura por meio das crônicas baseadas em fatos do cotidiano e nas definições de novos paradigmas.

Conclusão

Imperatriz precisa de um caderno de cultura. Uma cidade de 247.505 habitantes e com uma cultura rica devido à sua miscigenação necessita de um espaço que retrate as práticas culturais, até mesmo para refletir a identidade cultural da cidade. Uma vez expostos os hábitos e particularidades, a imagem do cotidiano seria reforçada, já que os imperatrizenses poderiam se reconhecer nas matérias. As práticas que são dispersas e invisíveis, ganhariam um espaço e seriam “catalogadas”, registradas. Porém, não basta ter um espaço específico, é necessário praticar um jornalismo responsável, amplo, voltado não só à agenda, mas também à cultura da cidade.

Uma realidade comum em várias cidades do interior do Brasil, o que se nota no Jornal O Progresso é a marginalizada do tema que ocupou menos de 10% do jornal e praticamente não ganhou destaque na capa durante o período estudado.

Além das matérias ocuparem um pequeno espaço, quando elas aparecem, são voltadas aos eventos. A cultura local, expressões artísticas ou características do cotidiano da cidade acabam ficando em segundo plano.

Referências

ALZAMORA, G; GOLIN, C; SEGURA, A. **Mapeamento do Ensino de Jornalismo Cultural no Brasil em 2008**: carteira de professor de graduação. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

ANDRADE, V. **A cidade dos homens de deus**: A constituição da identidade cultural de Imperatriz a partir da experiência religiosa com os frades Capuchinhos, disponível em: <www.encepecom.metodista.br/mediawiki/images/d/df/GT6-004-A_cidade_dos_homens-Valdalia.pdf>. Acesso em 27 de setembro de 2011.

BARRETO, I. **As realidades do Jornalismo Cultural no Brasil**. Contemporânea, nº 7, 2006.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2001.

BERTOL, R; SUZUKI, M. **Princípios Inconstantes**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

BOLAÑO, C.; GOLIN, C; BRITTOS, V. **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itaú Cultural, 2009.

CANCLINI, N.G. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

COLLARO, A. **Produção visual e gráfica**. São Paulo: Summus Editorial, [s. a.].

DUARTE, Rosária. **Caderno de pesquisa**. nº 115, março de 2002.

FARO, J. S. **Nem tudo que reluz é ouro**: Contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural, disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/ind_j_s_faro.pdf>. Acesso em 28 de setembro de 2011.

FRANKLIN, Adalberto. **De povoado a metrópole**. In: IMPERATRIZ, 150 anos, Imperatriz: AIL, 2002.

GADINI, S. L. **A lógica do entretenimento no jornalismo cultural brasileiro**. Revista Eptic, vol. IX, n. 1, ene, abril, 2007.

GOMES, F. **Jornalismo Cultural.** disponível em: <www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>. Acesso em 27 de setembro de 2011.

KUNTZEL, Carlos Alberto. **Projeto Gráfico: Personalidade do impresso.** Campo Grande, 2003.

LARAIA, R. B. **Cultura um conceito antropológico.** Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2009.

MAGALHÃES, Marina. Jornalismo participativo: uma construção coletiva e imprevisível. In: **Mapeamento do ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008: Carteira professor de graduação.** São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

MELO, J. M. **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Paulo: Ed. Metodista, 2010.

MORAES, V. **Jornalismo cultural não valoriza tradições.** Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/jornalismo-cultural-nao-valoriza-tradicoes>>. Acesso em 27 de setembro de 2011.

O PROGRESSO. Edição nº 14.177. Ano 42. Domingo. 14/08/2011. Imperatriz, O PROGRESSO, 2011.

PIZA, D. **Jornalismo cultural.** São Paulo: Ed. Contexto, 2004.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2007.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo I: Porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2005.